

Imagem no ensino superior de História: discussão de uma metodologia

Marlise Regina Meyrer¹

Resumo

Partindo da discussão sobre o significado das imagens na sociedade atual e dos estudos que vem sendo desenvolvidos sobre a temática, o artigo propõe uma metodologia de trabalho com imagens nos cursos de licenciatura, mais especificamente nos cursos de História. Utiliza-se, para tal, a análise das reportagens fotográficas da revista *O Cruzeiro* dos anos de 1950, para um maior conhecimento da sociedade brasileira daquele período, bem como das estratégias utilizadas pela mídia para a construção de determinadas representações sociais.

Palavras-chave: Ensino de História – Imagens – Mídia

Abstract

Based on the discussion about the meaning of images in contemporary society and the studies that have been developed on the theme, the article proposes a methodology for working with images in the undergraduate programs, specifically courses in History. It is used, for this purpose, the analysis of 1950s photo reports from "O Cruzeiro" magazine, to a deeper understanding of Brazilian society of that period, as well as strategies used by the media for the construction of certain representations.

Keywords: History teaching – Images – Media

Embora seja lugar comum dizer que vivemos hoje numa cultura dominada por imagens, parece que a frequência com que esta frase tem sido reproduzida é inversamente proporcional ao investimento que a área de educação tem dedicado a esta temática, especialmente, no que diz respeito ao desenvolvimento de estratégias educacionais que avancem no sentido da compreensão dos seus significados.

Somos consumidores diários de imagens nos diferentes meios de comunicação: jornais, revistas, televisão e internet, sendo que elas exercem um extraordinário poder sobre a nossa percepção da realidade social. Toda a sociedade é, de alguma forma, atravessada pela mídia, que tem um papel fundamental na criação e difusão dessas imagens acabam por criar um "mundo do espetáculo" ² que permeia todos os aspectos da vida social, criando uma realidade a parte ou, um mundo do "simulacro", conforme foi definido por Baudrillard (1991) e que acaba por substituir o próprio mundo real. Gruzinski (2006) diz que, embora ainda não possamos avaliar precisamente o seu alcance, a imagem há tempos "invadiu nosso futuro" no que ele define como "guerra de imagens", abrangendo as lutas pelo poder, com implicações sociais e culturais. Para o autor, "o maior paradoxo seria estarmos num mundo de proliferação de imagens e continuando a pensar que estamos sob o poder do texto" (p.14).

A importância que a imagem vem atingindo na nossa sociedade despertou um maior interesse das ciências sociais por pesquisas nessa área, facilitado pelo crescente alargamento das fontes de pesquisa, bem como pela expansão dos estudos interdisciplinares.

A antropologia e a sociologia, já tem uma caminhada mais longa nos estudos da imagem, dos quais os historiadores puderam se apropriar de alguns conceitos. A utilização do conceito de cultura, oriundo da antropologia, possibilitou estudar a imagem na sua dimensão cultural e, mais ainda, entendê-la enquanto discurso produtor de sentido, sendo este socialmente construído numa relação entre o produtor da imagem, o objeto observado e o seu leitor. A sociologia, por sua vez trouxe a dimensão da classe social aos estudos de imagem, percebendo-a como lugar de construção das diferenças sociais.

Upiano Bezzerá de Menezes aponta para o atraso da história no que se refere a utilização de imagens. Ele toma como ponto de partida o fato de que os estudos neste campo só ganharam expressão nos anos 60, com a ampliação da noção de documento. Porém, segundo o autor, os trabalhos se caracterizam “[...] pela diversidade estéril, pelo desconhecimento do que se fazia em áreas vizinhas, pelo entendimento superficial e teoricamente insuficiente da natureza do visual e, por consequência, do iconográfico, e assim por diante”. O autor diz que o que os historiadores fazem, em geral, é “iluminar as imagens com informação histórica externa a elas, e não produzir conhecimento histórico novo a partir dessas mesmas fontes visuais”. (2003, p.20).

Campo aberto e em franca expansão, o estudo das imagens pela história, propicia a ampliação do conhecimento sobre a sociedade, uma vez que permite um outro olhar, que revela traços ainda não estudados, possibilitando a compreensão da realidade passada e presente, em seus múltiplos aspectos. A análise das imagens, nesse sentido, constitui-se num “caminho a mais” para o alcance desses objetivos.

Esta ampliação dos estudos de um lado e o seu estágio ainda inicial de outro, igualmente se aplica ao uso da imagem no Ensino de História, decorrente, em parte, da proliferação de livros didáticos cada vez mais ilustrados, destinados a um público oriundo de uma cultura sob o predomínio do visual. Também nesta área podemos ver trabalhos que tem procurado construir metodologias que auxiliem no uso pedagógico das imagens no espaço escolar, bem como discussões teóricas sobre o uso desta fonte na sala de aula.

Entretanto, o domínio metodológico para a análise de imagens ainda é muito incipiente. Isto decorre, em parte, do fato de que a própria formação dos professores é deficiente nesta área de conhecimentos. Nos cursos de graduação

ainda prevalece, quase onipotente, o texto escrito, ratificando aquele paradoxo citado por Gruzinski (2006) referido acima. O cinema talvez tenha ganhado um espaço maior nas aulas de graduação (o que se reflete nas escolas), mas em muitos casos o uso é questionável. O filme “tapa-buraco” ainda é um recurso para substituir uma ausência do professor ou a falta de tempo para preparar a aula, o que acaba produzindo no aluno a idéia de que o filme não é conteúdo, entrando na categoria de “extra”.

Alunos de licenciatura têm dificuldade de “ler” as imagens. Mesmo os códigos que regem a mídia são ignorados por estes discentes. Não existe, nos cursos de licenciatura, uma disciplina que prepare os alunos para as questões midiáticas que envolvem a sociedade contemporânea. A relevância desta questão pode ser identificada na criação do curso de Licenciatura em Educomunicação na USP em 2011, que visa formar profissionais para atuar em escolas na educação para a mídia, atendendo a demanda decorrente da LDB dos anos 90 que inclui os estudos da comunicação, suas tecnologias e linguagens no ensino médio.

No caso específico da imagem, a linguagem visual é composta por diferentes categorias de expressão, que implicam no conhecimento de elementos visuais como a forma, a cor, o espaço (bidimensional e tridimensional), o equilíbrio, a relação entre luz e sombra, plano e superfície, além de outros, sendo o conhecimento desta linguagem fundamental para a formação e integração dos cidadãos na atual “civilização da imagem”.

Faz-se necessário desenvolver mecanismos capazes de atender as necessidades dos professores relacionadas ao uso da imagem como instrumento pedagógico, uma vez que a formação e informação dos alunos no universo escolar têm por base as imagens em suas diferentes modalidades (impressas, áudios-visuais e digitais). Trata-se de um processo de “alfabetização visual” em que os professores aprendam e possam ensinar a seus alunos a ler imagens, decodificá-las, percebendo o seu caráter ideológico e persuasivo.

É preciso preparar o aluno/professor para compreender a imagem como uma aproximação da realidade de forma crítica, reconhecendo que aquela imagem é somente uma interpretação da realidade, cuja apropriação deve passar pela sua própria percepção do real a partir de seus conhecimentos, valores, cultura. Portanto, as imagens não podem ser tratadas como ilustração de um período, mas como um texto polissêmico com múltiplas possibilidades de leituras que nos informam sobre uma época, uma sociedade, uma cultura.

Nessa perspectiva elaborei uma proposta para utilização de um material visual nas aulas de História do Brasil no ensino superior, mais especificamente, no curso de licenciatura em História. Trata-se de um trabalho com imagens de revistas ilustradas, neste caso, da Revista O Cruzeiro. Os alunos terão oportunidade de explorar uma fonte histórica da época que foi um dos mais importantes meios de comunicação do Brasil nos anos de 1950 (impressiona o fato de que a revista, muitas vezes, não é nem citada pelos professores e mesmo historiadores ao tratar do período. É o mesmo que discutir a sociedade brasileira dos últimos 30 anos sem levar em conta a existência - e tudo o que representa - da Rede Globo de televisão).

Folhear as revistas O Cruzeiro de um determinado período nos remete ao processo de construção de uma memória visual do país. Esta revista foi, por muito tempo, a única a difundir imagens do Brasil para a maior parte do espaço nacional (lembramos que, à época, o meio de comunicação de maior alcance era o rádio) através das fotorreportagens, modelo do qual a revista foi pioneira.

Entendendo que as transformações do país e da sociedade dialogam com os meios de comunicação de sua época, as fotorreportagens constituíam-se em um produto tecnológico-cultural do período, ou seja, o próprio formato – fotorreportagem –, produto daquela sociedade, nos informa acerca daquela realidade.

Na fotorreportagem a ênfase é na imagem fotográfica, que passou a ter o mesmo valor do texto verbal até então dominante. Em uma reportagem tradicional, o eixo central de organização das idéias expostas está apoiado no texto ao qual podem ser acrescentados elementos visuais como ilustrações, funcionando de forma complementar. A fotorreportagem quebra com esse padrão estético, trazendo a fotografia para o centro da organização do discurso.

Nadja Peregrino (1991) afirma que na fotorreportagem há a preponderância da imagem sobre o texto escrito, não sendo ela uma simples reportagem verbal ilustrada, mas, na verdade, visual auxiliada por texto; porém, para a caracterização de uma matéria como fotorreportagem, não basta a predominância da fotografia, é necessário que elas estejam organizadas sequencialmente, de modo a contar uma história, mais ou menos como uma “história em quadrinhos.” (Idem, p.49).

Além do encadeamento das imagens, também a ordem de leitura e o tamanho das fotografias são observados. Geralmente, as grandes fotorreportagens de O Cruzeiro eram constituídas de várias fotografias que ocupavam muitas páginas. O início, meio e o fim das matérias era marcado por imagens de página inteira, alternando o ritmo visual da diagramação. Com frequência, um texto inicial, acompanhado do título da matéria, dá uma informação sucinta do teor da reportagem, numa espécie de lead.

Para Gava (2003), nesse modelo, as imagens não suplantam o texto, sendo que o principal fator é o da diagramação, ou seja, a forma como as fotografias e textos se combinam e se completam na página. Para ele, esta combinação é que dava sentido ao texto, onde nem as imagens, nem texto atuavam isoladamente, mas eram parte de um todo que era mais importante que as partes.

A partir destas questões teóricas, pretendo sugerir a utilização deste material no ensino de História. O modelo descrito abaixo é somente uma das inúmeras possibilidades de seu uso. Nosso objetivo aqui é apenas indicar o potencial destas fontes imagéticas para o ensino de História.

A aula

Tema: O Brasil dos anos 1950.

Objetivos: Conhecer a representação da sociedade brasileira dos anos 1950 na revista *O Cruzeiro*.

Metodologia:

- Aula expositiva dialogada.
- Apresentar a fonte para os alunos, lembrando as questões teórico metodológicas que envolvem sua utilização (mcm, imagem, fotografia, fotorreportagem, relação revista/posição no campo jornalístico e ideologia da revista)
- Breve introdução ao contexto do período. Neste caso, parti de uma idéia-chave que permeou o imaginário da época: o desenvolvimento nacional traduzido no embate atraso versus desenvolvimento.

Obs: Optei por dar o contexto previamente aos alunos por tratar-se de uma aula expositiva. Num outro formato, os alunos poderiam estudar as imagens e contextualizá-las.

- Para fins didáticos, decidi por uma organização tradicional do material que separa política, cultura e economia, embora saiba que este formato corre o perigo de uma visão da história que perceba estas categorias de forma estanque.

Cultura

Nos anos 1950, se por um lado assistia-se a uma promoção do popular ao nacional, ou seja, o processo de construção de uma cultura nacional com base no popular, por outro, vivenciou-se uma renovação cultural empreendida por parte da burguesia brasileira, num processo de aburguesamento das artes que, em última análise, significava a busca da superação do atraso também nesta área.

Mais do que construir um determinado discurso sobre o nacional, a revista tratou na época de atualizá-lo, incrementando-o com modelos e conteúdos externos e disciplinando o popular nacional, num processo dialético contínuo entre o erudito e o popular.

O teatro foi uma das manifestações mais atingidas por esse processo de reelaboração. A fim de difundir as novas propostas estéticas nesta área, bem como diferenciá-la das formas antigas, a revista tratou de divulgar intensamente essa arte, como podemos perceber através de uma série de reportagens publicadas pela revista *O Cruzeiro* em 1956.



Figura 01: Praça Tiradentes. *O Cruzeiro*, 07 jul., 1956, p.42 e adiante.

A série conta a história do teatro de revista em cinco extensas reportagens. Mas o que apresenta-se num primeiro momento como uma homenagem aos antigos artistas brasileiros, adquire significado distinto se levarmos em consideração que ao mesmo tempo a revista divulgava as inovações no teatro nacional, confrontando-as com aquele modelo do teatro de revista. Assim, o significado do discurso de *O Cruzeiro* só pode ser percebido se situarmos as distintas reportagens num contexto maior das outras matérias que a revista vinha publicando a época sobre o tema.



Figura 02: A maioria do teatro brasileiro III. *O Cruzeiro*, 02 jul., 1956, 36 e adiante.

O título da série sobre a história do teatro de revista intitula-se “Praça Tiradentes” (O Cruzeiro, 07 jul., 1956, p.42). Este era o local onde se concentrou a vida artística carioca no início do século e que, nos anos cinquenta, tornou-se um espaço freqüentado, sobretudo, pelas camadas populares e reduto por excelência do teatro de revista, considerado, então, de baixo nível. Local já estigmatizado à época como decadente e ameaça a moralidade pública.

Por outro lado, a matéria que trata do novo teatro brasileiro, o TBC, tem como título “A maioria do teatro brasileiro” (O Cruzeiro, 02 jul., 1956, p. 36). As fotografias coloridas desta matéria contrastam com o preto e branco da reportagem sobre o teatro de revistas. Os figurinos e cenários são outros contrastes percebidos entre os dois modelos. Ao mesmo tempo, textos e legendas auxiliam na construção de um discurso que sepultava o teatro de revista e o colocava no passado desta arte no Brasil. Significava, em última análise, a superação do atraso. O teatro brasileiro deveria representar a partir de então, a nova burguesia brasileira e o TBC era símbolo deste novo padrão.

Mas, o próprio teatro de revista possuía no seu interior uma “evolução”. Nas “boites” de Copacabana, ele ganharia nova roupagem (literalmente, pelos figurinos luxuosos) e novo status. Os shows de Carlos Machado eram os exemplos mais acabados desses espetáculos, que tinham espaço privilegiado na revista, com a proposta de “vender o Brasil no exterior”, uma vez que essas casas eram freqüentadas por estrangeiros que também eram grandes patrocinadores e levariam os espetáculos para serem apresentados na Europa e nos Estados Unidos. O modelo era o de musicais com figurino e cenários luxuosos, belas mulheres com pouca roupa e representações estereotipadas do Brasil, num processo de apropriação da cultura popular pelas elites, que a adaptaram ao seu padrão de consumo.

Na mesma época surge também o teatro de Arena, que tinha outro tipo de proposta, com base numa cultura popular nacional mais engajada, mas este não era divulgado na revista que propunha o modelo burguês, entretanto, vale lembrar que a revista era um dos principais meios de comunicação do país, e tratando-se de imagens, com certeza a principal, o que potencializava seu poder de imposição de uma determinada visão do mundo.

Política

Sendo este o período conhecido na história como democrático, pode-se perguntar de que forma esta democracia era representada? Quais os seus significados?

Cabe lembrar que o periódico possuía uma seção intitulada política, onde esses temas eram tratados de forma específica. Entretanto, nossa análise centra-se

nas fotorreportagens sobre as referidas questões. Esta especificidade da forma faz com que as mensagens se diferenciem daquelas da secção específica, mais literária e noticiosa. O tema política tratado nas fotorreportagens permite, assim, uma maneira diferenciada de apropriação, uma vez que seus destinatários compõem um grupo maior e mais variado.

A representação da democracia brasileira do período foi difundida, sobretudo, através da eleição de alguns personagens políticos que passaram a simbolizar um modelo democrático mais afinado com a idéia de desenvolvimento e, portanto, mais próximo ao mundo civilizado. Entre os que com maior freqüência apareciam na revista, estão Jânio Quadros e Jucelino Kubistchek, personagens centrais na política nacional da época. Ambos passaram a representar valores essenciais da burguesia brasileira como um todo. O primeiro tornou-se símbolo da moralização; o segundo, através de seu plano de metas, encarnava o valor do trabalho e do dinamismo necessário ao progresso, aliados a um forte carisma popular. Outro personagem que mereceu destaque foi o General Henrique Teixeira Lott, que a revista tratou de heroizar após o 11 de novembro, trazendo-o ao discurso, vez por outra ao longo do período, como um aviso aos possíveis desvios da democracia, colocando-o como um guardião/vigilante do regime.

Deixei de fora, o período de Getúlio Vargas, pois é somente após sua morte que se considera estar o país entrando numa nova fase política. O retorno de Vargas, em 1951, foi visto por muitos como um retrocesso, sendo que após o trágico 24 de agosto, o discurso sobre um "novo começo" foi retomado. Assim, na abertura do ano 1955, a revista O Cruzeiro, (01 jan., 1955, p.76) ao fazer um balanço dos últimos 10 anos, anunciava um novo recomeço, finalmente livre da ditadura e do ditador. Tratava-se, então, de combater o que a revista chamou de "o espectro de Vargas" ou a "República dos Coronéis".

As fotorreportagens enaltecem determinadas características destes políticos e constantemente as confrontam com o passado oligárquico brasileiro. O novo representante do Brasil deveria ser, em última análise, um político moderno e progressista em conformidade com o "novo Brasil". O novo tempo, para o Brasil, era o do desenvolvimento, da superação do atraso, sobretudo econômico. Porém esse, não estava dissociado de desenvolvimento cultural e, também, político. Esse último aspecto levou a associação entre "Brasil moderno" e Brasil democrático" (Gomes, 2002, p.12).

Jânio Quadros, que assumiu o governo de São Paulo no início de 1955, aparecia com freqüência na revista, da qual tinha apoio político. O governador representava o salvador, empenhado em combater antigos políticos corruptos e impor uma política saneadora, racional e moderna ao Estado, em última análise, colocar "ordem no caos" (Gomes, 2002, p.33).

Esta imagem pode ser observada na reportagem "O criador de casos" (O Cruzeiro, 17 nov., 1956, p.116), que é ilustrada com pequenos desenhos de traços simples, orientando as temáticas tratadas no texto (fig. 03). A reportagem assemelha-se a um relatório administrativo ilustrado. A composição toda é muito simples, utilizando poucos recursos. A divisão em vários subtítulos e o apoio das ilustrações torna o texto de fácil "digestão", em conformidade ao modelo "reportagem" proposto pela revista.



Figura 03: "O Criador de Casos". O Cruzeiro 17 nov., 1956, p. 116-120.

Na primeira página, à esquerda, está a fotografia de Jânio Quadros num tom de seriedade, diante da qual, é exposto o rol de medidas que ele vinha empreendendo em São Paulo. Estas estão didaticamente divididas em itens expressos nos subtítulos "Reforma Administrativa", "Orçamento", "Funcionários Públicos", "Vassouradas Também nos Secretários", etc. (O Cruzeiro, 17 nov., 1956, p. 116-120).

No ano seguinte, os feitos de Jânio em São Paulo continuaram a ser exaltados na revista. Duas reportagens têm como título introdutório "Tire o Chapéu a São Paulo" (O Cruzeiro, 24 ago., 1957; 07 dez., 1957). As duas são muito parecidas tendo, inclusive, o mesmo tamanho – cinco folhas duplas, mais meia página, sendo possivelmente matéria paga, entretanto, não é nosso objetivo responder

a estas questões, mas somente analisar a imagem construída do político e sua prática política na revista. Estas são reportagens, sobretudo fotográficas, sendo as fotografias orientadoras da leitura. Elas têm o objetivo principal de constituírem-se em “provas” concretas do desenvolvimento promovido por Jânio Quadros em São Paulo, retratando as obras realizadas.



Figura 04 Tire o Chapéu a São Paulo. O Cruzeiro, 24 ago., 1957, p. 88-89.

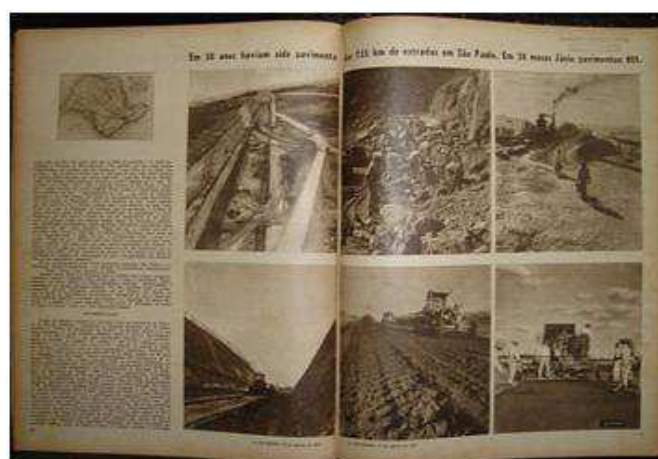


Figura 05: Tire o Chapéu a São Paulo. O Cruzeiro, 24 ago., 1957, p. 90-91.



Figura 06: Tire o Chapéu a São Paulo. O Cruzeiro, 24 ago., 1957, p. 92-93.

A tônica aqui é o tempo. Tempo que se acelerava, que impunha outras formas de medi-lo, como a velocidade possibilitada pelas novas estradas, cuja construção

era fruto do progresso técnico e da eficiência administrativa. Nesse sentido, texto e legendas são ricos em expressões como “Jânio Quadros, está quebrando todos os recordes administrativos do país”; “São Paulo faz em 4 o que a República fez em 68 anos”; “Nenhuma barreira detém a marcha do progresso paulista”; “pavimentação em tempo recorde”; “Trinta meses depois de empossado [...] fez milagres”, e assim por diante.

Este novo tempo seria, também, de uma nova política, cujo modelo mais acabado era o do governo paulista de Jânio Quadros como podemos deduzir do texto:

Porque Jânio é uma geração no poder. Geração nova. Jânio é a mocidade que se realiza como equipe dirigente. Pensando, agindo e reagindo como pensa, age e reage a juventude. Equacionando em novos termos os velhos problemas nacionais. Abandonando a comodidade do conservadorismo clássico. Por isso também Jânio é incompreendido, atacado, fustigado, caluniado até por aqueles que fogem, de boa ou má fé, do entendimento do fenômeno. Fenômeno de que o atual governo paulista significa revolução sem sangue, é a imposição de novos métodos, é a adoção de novos caminhos, é um grito de afirmação de todos os moços do Brasil. Grito que será impossível abafar. (*O Cruzeiro*, 24 ago., 1957, p. 90)

Se Jânio aparecia como exemplo de político, através de suas ações em São Paulo, Jucelino era a expressão nacional que simbolizava a nova geração. De um lado, ele incorporava a imagem de um presidente moderno; de outro, um trabalhador incansável, comprometido com o desenvolvimento econômico acelerado do país. Desenvolvimento e democracia estavam diretamente vinculados nos discursos de Jucelino Kubitschek no período. O ideal democrático, valor político norteador da época, só poderia ser obtido pelo combate à pobreza.



Figura 07: É o Presidente do Brasil. O Cruzeiro, 04 fev., 1956, p. 4-5.

As fotorreportagens de O Cruzeiro traçaram um perfil tanto pessoal quanto profissional do Presidente. Uma delas narrou a sua trajetória desde menino, pobre, em Minas Gerais, até a presidência; outra era um relato de seu cotidiano já no Catete e, por fim, uma avaliação de seu primeiro ano de governo (fig. 07). Em grande parte, elas enfatizaram a vida privada do presidente que se popularizou exatamente por expor esse lado informal, pessoal, o que o tornou conhecido como o

Presidente simpático, cordial e de hábitos simples. A revista reforçava essa imagem que, em última análise, tornava o presidente familiar, mais próximo dos brasileiros. Era o presidente simpático.

Podemos identificar na reportagem a construção de um discurso que relacionava a trajetória de vida do presidente à dos eleitores e aos próprios rumos do país, na medida em que enfatizava a possibilidade de progredir pelo esforço individual e pelo trabalho. Miriam Limoeiro Cardoso (1978, p.94), a partir da leitura dos discursos de Jucelino, diz que eles transmitiam a crença de que éramos “um país pobre, é verdade, mas democrático; que aqui os princípios da democracia vigoram realmente e as oportunidades são iguais para todos.”

Após um ano de governo, a revista publicou uma reportagem que fazia uma espécie de balanço do governo. A matéria iniciava com a fotografia de um presidente, simpático e receptivo à imprensa. Com muitos repórteres, munidos de rádios transmissores, aglomerados a sua volta, JK aparece calmo, risonho, atendendo aos jornalistas (fig.08). A legenda orienta o leitor nesse sentido: “Dos presidentes da República, JK foi que teve mais contato com a imprensa [...]” (O Cruzeiro, 02 fev., 1957, p. 74). No texto, lemos uma breve avaliação do período, concluindo que o presidente havia conseguido, ao menos, “imunizar o país contra o germe da desordem, despertando nas massas o espírito do culto à defesa do regime democrático” (O Cruzeiro, 02 fev., 1957, p. 74C).



Figura 08: JK de Fevereiro a Janeiro. O Cruzeiro, 02 fev., 1957, p. 74B-C.



Figura 09: JK de Fevereiro a Janeiro III. O Cruzeiro, 02 fev., 1957, p.74F-G.



Figura 10: JK de Fevereiro a Janeiro II. O Cruzeiro, 02 fev., 1957, p. 74D-E.

A luta pela democracia foi apresentada nas páginas seguintes. Sob o título: “As crises militares e políticas foram a característica do primeiro ano do governo JK” (*O Cruzeiro*, 02 fev., 1957, p. 74D-E), apresenta-se uma série de fotografias – pequenos quadros – representativas dos diferentes momentos de conflito enfrentados pelo governo no período. As cenas retratadas foram: greve dos estudantes; rebeldia do General Juarez Távora; espada presenteada à Lott pela sua resistência ao golpe; os “casos” criados por Adhemar de Barros; os ataques de Lacerda; Jacarecanga, Almirante Amorim do Vale que teria hostilizado o governo JK pela imprensa e mais três fotos dos tumultos na Câmara, criados pela oposição. O combate às forças oposicionistas desenvolvia-se como numa história em quadrinhos. Os quadros representavam etapas que o presidente teve que superar para chegar, por fim, à “pacificação”. É oportuno lembrar, como nos indica Benevides (1981), que a capacidade de “administrar” essas crises foi uma das marcas do governo JK, que negociava com a oposição. As “forças do mal”, que Jânio combatia com a vassoura, JK o fazia através da diplomacia, caracterizando uma política de conciliação com o velho e o novo; as elites e as massas.

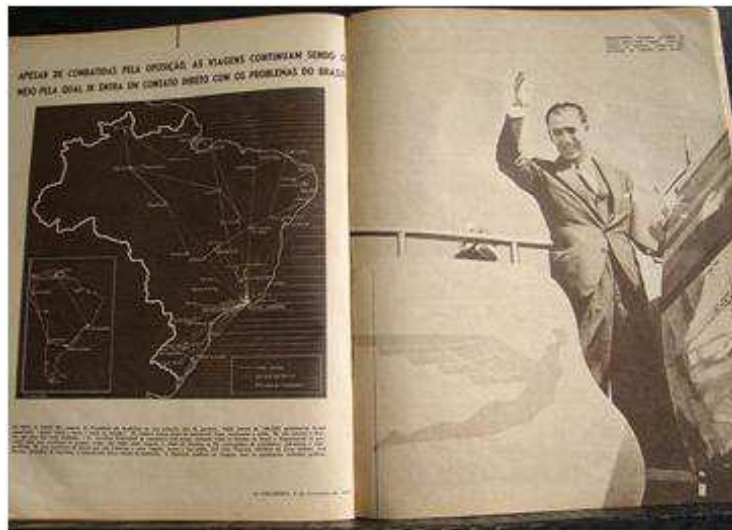


Figura 11: JK de Fevereiro a Janeiro IV. O Cruzeiro, 02 fev., 1957, p. 74H.

A reportagem finaliza com duas grandes imagens: um mapa do Brasil com o traçado dos locais visitados por JK e sua imagem acenando da escada do avião (fig.11). O mapa com as rotas das viagens do presidente, ao lado de sua fotografia "em viagem", constrói a imagem da nação em expansão, sendo que ela ocorria pelas mãos do presidente, viajante, comunicativo e simpático. O mapa é a representação do poder/atuação de Jucelino sobre o território nacional. A construção valoriza algumas áreas, ao mesmo tempo em que marcava os limites da civilização. O mapa não evidencia somente a integração do território nacional, mas também deste com a América Latina. Em uma imagem menor, porém no mesmo quadro visual, é mostrado um mapa da América Latina com as rotas das viagens presidenciais no continente, representando, assim, a política pan-americana iniciada pelo governo e que culminará com a criação da Operação Pan-americana (OPA) em 1958.

As reportagens não aprofundam as discussões sobre os projetos econômicos ou políticos do país. Essas são discutidas na seção Política. Aqui, as informações estão em conformidade com os objetivos das fotorreportagens, ou seja, informações gerais, rapidamente digeríveis, a um público amplo, parte do qual comprava a revista para consumi-la nas horas de lazer. A vida do presidente, assim, integra todo um conjunto de reportagens sobre os personagens da coluna social, moda, o mundo de Hollywood, crimes, conhecimentos gerais sobre o mundo e o país. A mensagem que se sobressaía nas reportagens sobre Jucelino era a de um presidente que encarnava um novo modelo de político, jovem, moderno, mais próximo da sociedade civil, indo ao encontro as afirmações de Benevides, sobre a personalidade de JK, para quem "o talento de JK consistia na provocação de um 'estado de espírito' de esperança e otimismo." (1981, p.29). Expressava um novo tipo de populismo, mais moderno, que dimensionava "pragmaticamente a ampliação da participação política através do voto [...]" (Idem).

O outro personagem político era o General Lott, cultuado enquanto defensor da democracia brasileira. A construção da imagem heróica de Lott como defensor da democracia pode ser percebida na reportagem "O Brasil vacinado contra o golpe" (O Cruzeiro, 12 maio, 1956, p. 14), onde foi reproduzida uma entrevista com Lott.



Figura 12: O Brasil vacinado contra o golpe. O Cruzeiro, 12 maio, 1956, p. 14-15.

A reportagem contém duas fotografias de página inteira que registram a mesma cena: o general sentado em sua mesa de trabalho em meio a muitos papéis. A imagem escura e o ar sério de Lott conotam a seriedade e rigidez atribuída ao personagem (fig.12). Diferente do sorridente Jucelino, a imagem de Lott era austera, condizente com o seu papel de guardião da ordem democrática.

A reportagem construía a figura do General Lott como um escudo, protetor da democracia diante das crises que permearam o primeiro ano de governo de JK. Questionado sobre as agitações, responde dizendo serem elas "uma fase da evolução".

O General Lott, eleito como um dos heróis nacionais do momento, simbolizava, entre outras coisas, o estágio pelo qual a revista entendia estar passando o país. Nesse, a democracia deveria ainda ser garantida pela espada. Não é à toa que ela foi escolhida como o símbolo concreto, quando membros da "Frente de Novembro" entregaram uma espada de ouro como homenagem pelos serviços prestados à democracia brasileira. O registro da imagem-símbolo da "espada de novembro" e a imagem de Lott representou, na revista, a presença e a importância que as Forças Armadas adquiriram no governo Kubitschek, enquanto garantia da democracia e do desenvolvimento econômico. Assim, entendemos que a representação política do Brasil construída e difundida pela revista estava associada à presença/interferência dos militares.

Podemos dizer que a vassoura de Jânio, a simpatia de Jucelino e a espada de Lott constituíram-se em símbolos que ajudaram a construir, nas fotorreportagens de O Cruzeiro, uma determinada imagem da democracia brasileira do final dos anos 50, uma democracia sob a égide da espada, assinalando a fragilidade democrática da época.

Se os anos 50 ficaram conhecidos, sobretudo, pelo desenvolvimento econômico acelerado e pela ênfase no debate atraso versus desenvolvimento, politicamente este discurso traduziu-se no embate autoritarismo versus democracia. Ambos os debates, porém, podem ser entendidos como produtos de um mesmo contexto histórico da sociedade brasileira, aquele da afirmação e consolidação da ordem burguesa-capitalista, no Brasil, nos moldes das nações capitalistas desenvolvidas do Ocidente.

Economia

A idéia força, atraso versus desenvolvimento é a base para a consolidação da ideologia desenvolvimentista que se afirma como dominante no período ora estudado. Mesmo levando em consideração a especificidade do conceito “desenvolvimentismo”, essa ideologia permanece em conformidade com a ideologia geral do desenvolvimento que visa, em última análise, à expansão do sistema capitalista para sua própria manutenção. Embora não possamos dizer que os Associados fossem defensores do desenvolvimentismo no seu viés nacionalista, a mesma idéia-chave – atraso versus desenvolvimento – permeou os inúmeros artigos publicados em seus jornais e as fotorreportagens da revista “O Cruzeiro”. Seus discursos confrontavam constantemente miséria e riqueza; atraso e desenvolvimento; tendo o desenvolvimento do país como objetivo explícito.

Todas as discussões acerca do desenvolvimento – posturas analíticas, estratégias propostas, grupos envolvidos –, divergiam sobre o modelo de desenvolvimento para o país, mas nunca quanto ao significado do desenvolvimento. Ele era um fenômeno tido como universal e inquestionável. Inserida nesse contexto, a revista O Cruzeiro participou ativamente da discussão, utilizando-se dos recursos da fotorreportagem para difundir o “seu” modelo de desenvolvimento, em grande parte, vinculado às idéias do proprietário, Assis Chateaubriand.

No que se refere à economia especificamente, a análise das fotorreportagens, no período entre 1955 e 1957 – fase do apogeu da revista –, evidenciou o domínio de cinco temas: o ataque ao monopólio estatal do petróleo; a defesa do café como principal produto exportável do país; o incentivo à agroindústria, clamando por melhorias técnicas no setor, ou seja, a racionalização da produção; a defesa incondicional do capital estrangeiro como forma de prover o desenvolvimento nacional e o ideal de progresso ligado, sobretudo, à infraestrutura.

Para Celso Furtado (1975), os anos 1950 marcaram uma fase de transição, transferindo o centro de decisão dos setores tradicionais ligados ao setor exportador para o grupo industrial. É esta disputa de hegemonia entre as classes dominantes que vai marcar os debates sobre nacionalismo e desenvolvimentismo. O mesmo

autor chama atenção para a permanência dos grupos ligados aos interesses agro-exportadores nas posições de liderança política, o que dificultava uma “autêntica política de desenvolvimento, apoiada na industrialização.”

Portanto, os temas do desenvolvimento e nacionalismo tornam-se centrais nas discussões, mas as divergências entre liberais e antiliberais continuaram permeando os discursos que, em última análise, pretendiam, cada um deles, viabilizar o seu projeto para o desenvolvimento do país.

Conforme referido anteriormente, um dos assuntos evidenciados, no período, pela revista e que ilustram esta questão, foi referente à questão do petróleo, cuja posição da rede associada, contrária ao monopólio, é bastante conhecida, o que levou os Associados a serem acusados, no auge dos debates sobre a questão nos anos 1940, de “entreguistas”. Essa postura vincula-se ao modelo de desenvolvimento difundido pela revista que, como vimos, era favorável ao ingresso de capital estrangeiro e contrário à estatização da economia.

O petróleo ainda era a grande questão nacional, mesmo após a criação da Petrobrás em 1953. A ala liberal, da qual a revista fazia parte e era porta-voz, denunciava a incapacidade técnica da estatal para exploração do mineral que devia ser feita com capital e tecnologia estrangeiros. A ampla mobilização da opinião pública na Campanha Nacional do Petróleo – “O Petróleo é nosso” – intensificou os sentimentos anti-americanistas e antiimperialistas, nos diferentes setores da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que polarizou a opinião pública entre as correntes de cunho mais nacionalistas e aquelas mais liberais, favoráveis ao capital estrangeiro.

Com as medidas pró-capital estrangeiro adotadas pelo governo Café Filho, a criação da Petrobrás voltou, então, a ser discutida e instigada por empresas americanas como a Standard Oil, que se propunham a investir altas quantias na exploração do petróleo brasileiro. Ao mesmo tempo, o governo criava entraves para o pleno funcionamento da estatal, como, por exemplo, liberação para importação de equipamentos.

O Cruzeiro, que já havia participado do debate anterior no qual se saiu derrotado, também voltou ao ataque com uma seqüência de reportagens sobre o tema. São reportagens que se concentram no ano de 1955, durante o governo de Café Filho. Elas representam a derradeira tentativa de mobilizar a opinião pública e os políticos para reverter, ao menos em parte, a legislação que criou a Petrobrás e definiu o monopólio estatal do petróleo. Eram matérias que enfatizavam, através de texto e imagem, a precariedade da tecnologia utilizada para exploração, denunciando a incapacidade técnica da Petrobrás e a necessidade de buscar apoio tecnológico e financeiro externos.



Figura 13: Reportagem: "Amazônia, petróleo e dólares". O Cruzeiro, 09 abr, 1955, p.13.

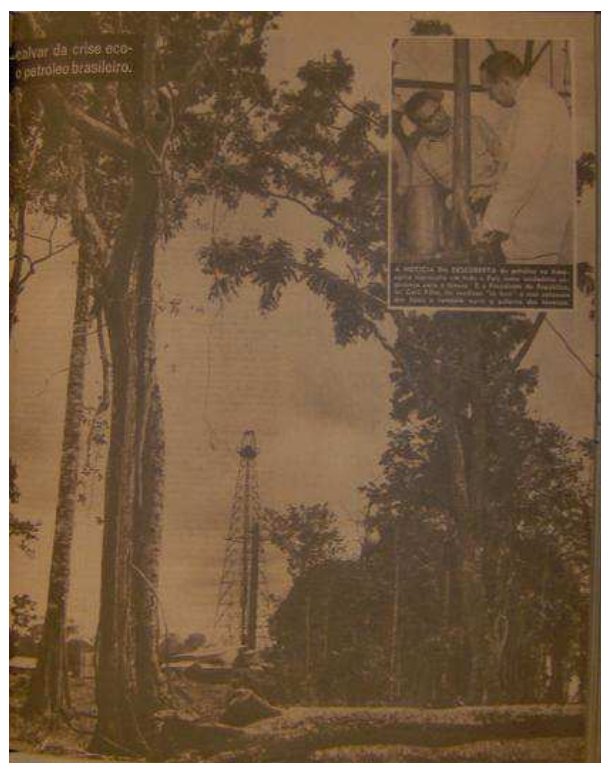


Figura 14: Reportagem: □Amazônia, petróleo e dólares□. O Cruzeiro, 09 abr, 1955, p.17.

Partindo dessas considerações, é significativa a fotorreportagem intitulada "Amazônia, petróleo e dólares" (O Cruzeiro, 09 abr, 1955, p.8). São dez páginas de fotografias e textos sobre um poço descoberto recentemente em Nova Olinda. Conforme descrito no lead, a matéria propõe-se a "contar em linguagem simples e ao alcance da compreensão de todos, a verdade sobre o petróleo de Nova Olinda e

sobre o petróleo no Brasil [...]” (Idem). O autor introduz o texto dizendo que, durante a realização da reportagem, a pergunta que mais ouviu foi se existe mesmo petróleo no Brasil. Para ele, esta pergunta simbolizava o atraso em que ainda vivíamos em relação a essa questão. Continua afirmando a evidência de que há petróleo no Brasil, porém o problema seria a necessidade de “furar para localizar e extrair o petróleo”, o que é demasiado caro para o país. O problema, prossegue, estava sendo posto em bases erradas, devido à “demagogia, os mesquinhos interesses eleitorais de politiquinhos, à falta de visão e coragem de grande parte de nossos homens públicos, um certo complexo de inferioridade” (Idem).

A reportagem segue com uma série de fotografias que contrapõem constantemente a selva, que representa o atraso, e a torre, imagem do progresso. Legendas e pequenos títulos enfatizam as dificuldades técnicas do processo de exploração e o desconhecimento da população e de alguns políticos que estariam muito otimistas diante da existência do poço, “é preciso ser realista”. (Idem, p.10). Postura, portanto, coerente com a de Chateaubriand que criticava o ufanismo desenvolvimentista.

A realidade é descrita no texto e mostrada nas imagens. Ao lado das fotografias selvagens da Amazônia, são descritas todas as dificuldades da imensa região amazônica, onde muitos locais, como Nova Olinda, seriam acessíveis somente por barco ou avião. A realidade descrita era que, devido à falta de recursos e conhecimentos ninguém sabia ainda sobre as verdadeiras possibilidades do poço. A reportagem expõe detalhadamente todo o procedimento necessário para a análise, questionando sobre a possibilidade real da Petrobrás de realizar tal tarefa.

Sob uma fotografia da selva amazônica, que focaliza grandes árvores, aparecendo ao fundo a torre de petróleo, a legenda reforça: “ No meio da selva, dominando as copas das árvores , a torre desponta. Para as nossas necessidades, precisaríamos de uma floresta delas. Quando a teremos? Será breve?” (Idem).

As fotorreportagens da revista O Cruzeiro, através da combinação de imagens e textos verbais, produziram e reproduziram um determinado discurso sobre a sociedade brasileira na segunda metade dos anos 1950. Pela característica do veículo – revista de variedades e fotorreportagens – representou a realidade nacional nos seus mais variados aspectos: políticos, culturais, econômicos e geográficos. Em todas essas esferas uma idéia-força conduziu os discursos, aquela do atraso versus desenvolvimento, como uma etapa do desenvolvimento em si, na época inquestionável enquanto realidade futura da nação. Assim, a defesa de um modelo econômico específico, a busca de uma definição da cultura nacional entre o erudito e o popular, a classificação e integração do espaço nacional e uma prática política moderna e democrática pautou as representações sobre o desenvolvimento na revista O Cruzeiro, entre os anos de 1955 e 1957.

A partir do exposto, consideramos ser a revista um rico material para a compreensão da sociedade da época, que possibilita outra dimensão de análise, incluindo as inúmeras possibilidades de interpretação da imagem, ao mesmo tempo em que permite uma avaliação crítica dos meios de comunicação no Brasil.

Referências Bibliográficas:

- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulações. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. A UDN e o Udenismo: as ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do Desenvolvimento – Brasil: JK – JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FURTADO, Celso. A Hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- GAVA, José Estevam. Momento Bossa Nova: arte, cultura e representação sob os olhares da revista O Cruzeiro. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Assis, 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/document/?view=2504>. Acesso em:
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- GRUZINSKI, Serge. A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.23, n.45, p.11-36, 2003.
- PEREGRINO, Nadja. O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

Notas

1 Dra. em História pela PUCRS Professora da FACCAT- Taquara-RS

2 Referência ao conceito de “sociedade do espetáculo” desenvolvida por Guy Debord. O autor descreve a sociedade moderna, onde as imagens, as representações e os símbolos ganham cada vez mais espaço, sendo que o espetáculo torna-se a própria sociedade. DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.